
A CIRCULAÇÃO
FACTOR DA ANÁLISE POLÍTICA E ESTRATÉGICA

João Carlos de Azevedo Geraldes

A CIRCULAÇÃO FACTOR DA ANÁLISE POLÍTICA E ESTRATÉGICA

A noção de «espaço acessível ao Homem» surge-nos, a um tempo natural e resultante da interacção Homem-Ambiente da qual emerge o sentido de «organização do espaço».

Esta noção de «espaço», no qual o Homem vive e desenvolve a sua actividade, onde se movimenta portanto, tem vindo a ser encarada com um significado crescente, podendo mesmo a sua análise ser considerada como o próprio objecto da investigação geográfica.

A tipologia actual das interacções Homem-Ambiente aponta para que, tanto o político, como o estratega e o economista, se sintam conduzidos à consideração da Terra como um todo, no qual os fenómenos se repercutem com uma cada vez menor dependência do local em que ocorrem.

Esta verificação da globalidade dos fenómenos poderá corresponder à conjugação de dois vectores actuaes:

- a ameaça que a escassez impõe aos actuais modelos socioeconómicos do mundo desenvolvido — uma vez que as sociedades assentes em economias de base rural estão, por natureza, mais adaptadas aos condicionalismos decorrentes do ambiente natural, isto, entre outras razões, pela ausência das instantâneas dependências geradas pelo abuso do consumo (auto-alimentador da indústria) e da urbanização, como formas de vida;
- a actual especificidade da dinâmica do poder, resultante de uma profunda alteração sofrida pelo significado do «tempo» — esta derivada do crescimento em exponencial do ritmo da evolução tecnológica, projectado na economia, nas comunicações de transporte e de relação, nos meios e processos de guerra, na viabilidade das organizações transnacionais e internacionais e das perspectivas abertas pelo acesso ao espaço exterior.

A globalização dos fenómenos pode, pois, ser interpretada como uma causa da evolução do significado do conceito de espaço, entendido⁽¹⁾, em qualquer escala de análise, como decomponível em três dimensões:

- a «horizontal» que integra os conceitos de extensão, posição, configuração, morfologia e recursos naturais;
- a «vertical» que surge quando o Homem e a sua Actividade se erguem daquela dimensão horizontal — os factos económicos, sociais, culturais e políticos;
- o «tempo», considerado como a interacção das dimensões «horizontal» e «vertical», num determinado período.

É a contracção sofrida por esta última dimensão do «espaço» (redução da sua componente temporal), motivada por uma ressonância dos fenómenos — factor multiplicativo da sua variabilidade — que se julga estar na origem de uma noção alargada de continuidade do espaço.

Não quer isto significar a total perda do sentido das distâncias e dos obstáculos que mantêm a sua importância relativa, particularmente em termos económicos e de usura, embora, já somente, quando considerados em escala global.

Não quer dizer também que todos os lugares do espaço passem a ter uma mesma importância política ou estratégica para os «actores» predominantes da cena internacional — o que é importante para uns não o é, necessariamente, para outros —, mas a globalização e a consequente continuidade alargada do «espaço» acarreta não só o avultar dos fenómenos respeitantes ao que for eleito por mais do que um actor ou grupo de actores como política e estrategicamente importante, como também aumenta o significado da acumulação de vantagens, ainda que não vitais para o opositor, quando individualmente consideradas.

Este tipo de análise conduz a considerar a *circulação* — enquanto significativa do sentido dinâmico das comunicações de relação e de transporte — não só como uma resposta a imperativos decorrentes dos elementos físicos e humanos do «habitat», mas também como influenciadora (em retorno) da evolução da noção de «espaço».

(¹) Alargamento do conceito de espaço político de Saul B. Cohen.

Efectivamente, ao corresponder a um conceito de acessibilidade das várias regiões a pessoas, ideias e bens, aumenta a variabilidade de cada uma das componentes do «espaço», portanto, do «espaço» como um todo, pelo que constitui um importante vector no fenómeno de globalização.

Como tal, constitui um elemento essencial para o estabelecimento e evolução da organização política do espaço e para a estruturação e operação das expressões de poder daí resultantes.

A circulação, fenómeno intrínseco à actividade humana, ressalta desde já, assim, como factor crítico da análise política e estratégica.

Em relação ao Estado-Nação e aos sistemas de relações em que estes «actores» se movimentam, o desenvolvimento tecnológico dos meios e processos à disposição da circulação, trouxe consigo, neste século, um duplo efeito: se por um lado aumentou a capacidade de controle e de intervenção, por outro impôs-lhe vulnerabilidades crescentes, estas decorrentes do alargamento do sentido da contiguidade do espaço, o que provocou um obstáculo ao isolamento de qualquer natureza, constituindo, portanto, um elemento de pressão para comportamentos intervencionistas.

Para o Mundo, como um todo, o mesmo fenómeno representa um instrumento de viabilização das Organizações Transnacionais e Internacionais e uma mais vincada consciência do sentido universal do Homem, isto por um apagamento tendencial do significado das fronteiras e pela possibilidade de interpretação exterior do Mundo convencional.

A influência da circulação — como componente da expressão do poder — parece então reforçada, tanto mais que, para além do seu impacte directo, surge também, indirectamente, através da sua projecção nos fenómenos ideológico e religioso, enquanto figura central do desenvolvimento cultural que é.

A sua componente — comunicações de relação — ressalta agora com uma importância decisiva no desenvolvimento das sociedades humanas organizadas, na difusão de ideias e na transmissão de dados e informações, cuja oportunidade é, hoje em dia, imprescindível às actividades políticas, económicas e estratégicas, nomeadamente à expressão do poder ideológico.

A outra componente — as comunicações de transporte — surge, cada vez mais, em correspondência a um sistema circulatório da actividade

e comerciais, da logística de produção e da capacidade de aplicação do poder, logo, elemento decisivo na Política e na Estratégia.

No limite, na sociedade industrial e na era atômica, pode considerar-se que o «movimento» é o cerne de toda a actividade humana. Neste sentido, o Mundo dos nossos dias poderá ser caracterizável pela sua dinâmica circulatória, conclusão que aponta para um reforço da importância dos estudos de base geográfica, em que as suas componentes física e humana são chamadas à concepção e operação dos modelos interpretativos de uma realidade assente na geografia da circulação.

Deste quadro, poderá então surgir um Mundo transfigurado por uma evolução tecnológica tal que, ao permitir um gigantesco e fechado sistema circulatório, o transforma num imenso «espaço» integrado e contínuo, no qual a Política e a Estratégia tendem para um sentido universal, para cuja interpretação a Geopolítica e a Geoestratégia poderão concorrer por uma análise sistémica dos factores geopolíticos e geoestratégicos, num conjunto formado pelo fenómeno da circulação, veiculador dos fluxos de vontade das associações humanas.

Desta análise ressaltam, então, como fulcrais, a capacidade de intervenção espacial no sistema (acelerações, reencaminhamentos ou interrupções) e a possibilidade de vigilância e controle como formas de obstar à «Surpresa». Daqui, a importância crescente, para controle e vigilância, da disponibilidade de plataformas oceânicas e continentais (com relevo para as Regiões Polares) e aeroespaciais, bem como o incremento do valor das profundidades oceânicas, quase única possibilidade de refúgio, viabilizadora da «Iniciativa» possível.

30 de Janeiro de 1982.

José Carlos de Azevedo Geraldes
Coronel